

# UM OLHAR SOBRE A FAIANÇA DA COLECÇÃO NOGUEIRA DA SILVA

CÉSAR VALENÇA  
MUSEU NOGUEIRA DA SILVA

A cerâmica acompanhou o Homem desde a Idade da Pedra, tendo nascido para solucionar as necessidades do dia a dia, reflecte, como toda a criação humana os aspectos sociais tornando-se imprescindível como instrumento de estudo para os antropólogos. Ao mesmo tempo que a civilização avança, o Homem passa a ter exigências menos imediatas e a cerâmica pode preencher funções utilitárias e estéticas.

A história da cerâmica liga-se à descoberta do fogo, mais tarde do Torno, que a vai tornar consistente o que não acontecia quando seca ao ar livre; o torno vai permitir a repetição de modelos e depois os vidrados e esmaltes impermeabilizam a peça e favorecem a decoração.

Os objectos de arte devem grande parte da sua atracção à capacidade de serem recriados e interpretados diferentemente em cada época, aliás é um desses mecanismos que mudam objectos vulgares em objectos artísticos. A sensibilidade, a cultura, mas também a moda são factores que entram nesse mecanismo misterioso.

As faianças foram coleccionadas desde sempre pelos mais diversos motivos mas, nos anos sessenta, em Portugal eram procuradas gulosamente pelo que tinham de «rural», pelo que insinuavam de «vida de quinta» como se antecipadamente os portugueses exorcizassem o fim de uma sociedade que a emigração macissa da mão de obra para as cidades do litoral e sobretudo para a França teria de mudar necessariamente.

Anos depois as mesmas faianças são cobiçadas pela «modernidade» das suas formas e decoração, sobretudo das populares, e estimadas pelo que possam ter de «primitivo», de «puro», e recupe-

radas para casas sofisticadas, juntando-se a móveis de vanguarda e mesmo ambientes minimalistas de residências assumidamente urbanas. Os finais de século parecem ter o gosto pelo heterogéneo e só a qualidade é exigível.

As faianças da colecção Nogueira da Silva, juntas por uma personalidade de gosto conservador são, por vezes, oriundas de colecções prestigiosas como a do Conde do Ameal que fornecem os magníficos pratos de Aranhões e o par de terrinas de Cifka.



34

Prato de Aranhões, séc. XVII. Armas dos Silvas, originário da colecção Ameal; diâmetro 38,5 cm.

Há peças que devem ter atraído o Senhor Nogueira da Silva pela sua peculiaridade como é o caso da pequena terrina russa de 1922 que faz parte de um tipo de objectos que a moda, com os seus profundos mecanismos sociais e quiçá políticos tornou uma vedeta dos nossos dias.

O pequeno pote de faiança do próximo Oriente do séc. XVI/ /XVII, possivelmente Persa, tem uma forte influência Ming não só no desenho, como no «craquelé», o que o torna parente dos nossos Aranhões e, é sem dúvida muito curioso.

Um olhar sobre a faiança...



Cachepot de um par,  
faiança holandesa,  
séc. XVIII, altura 29  
cm.



35

Prato hispano-árabe,  
diâmetro 38 cm.  
Manires, séc. XVII

Bacia do levante  
Espanhol, séc. XVII/  
/XVIII; decorada a  
azul e branco com  
flores e um pássaro;  
diâmetro 41 cm.



Os pratos hispano-árabes, que fariam a felicidade de Guerra Junqueiro, ou as faianças azul-e-brancas de Espanha estão também presentes em qualidade e, por vezes, quantidade. A Holanda é representada por um belo par de «cahe-pots», copiado no azul da China; o séc. XVIII português deu a esta colecção um par de movimentadas terrinas «rocaille» de uma fábrica do Sul e os nossos aliados britânicos, cujo Tratado de Methwen foi fatal à cerâmica portuguesa, também aqui têm representação com um prato de faiança de Leeds, séc. XVIII, com uma interessante cena de crucificação, inspirada no mesmo tema dos pratos em porcelana da China, ditos Jesuítas, e de que existem alguns belos exemplares nesta colecção como foi mostrado em artigo anterior.

O séc. XIX está magnificamente ilustrado na versão «burguesa» por uma excepcional Talha-fonte, de louças das Caldas, anterior a Bordalo Pinheiro, a lembrar a faiança de B. Palissy. O séc. XIX,



◀◀ Talha-fonte. Caldas, séc. XIX. Altura 96 cm.

◀ Manga de farmácia com armas dos Dominicanos, séc. XVIII. Prado, 35 cm.



Prato de faiança de Leeds, séc. XVIII. Com Cena de Crucificação. Diâmetro 25,5 cm.

Terrina de um par, séc. XIX, assinada CIFKA, originária da Coleção Conde do Ameal. Altura 38 cm. A pega da tampa é formada por uma sereia, decoração com motivos mitológicos.



aristocrático, tanto quanto o podia ser uma cõrte liberal, está representada por um par de espampanantes terrinas atribuídas à mão do Boémio Cifka a trazerem-nos à memória os revivalismos da Pena, e o notável homem de cultura e príncipe que foi o marido da rainha D. Maria II.

A versão popular do mesmo século é dada pela louça dos «ratinhos», esses emigrantes sazonais que da Beira iam trabalhar para o Alentejo. A região de Braga aparece com um canudo de farmácia do séc. XVIII com as armas dos Dominicanos feita em Prado (Ilustração da capa).

Segundo José Queirós foram os Árabes, que no séc. VIII trouxeram para a Península a indústria da faiança colorida e esmaltada de forma translúcida.



3'

Par de garrafas do sec. XVIII, muito interessantes. Armas dos Dominicanos e personagem com flores. Prado?

A composição de faianças portuguesas nos séc. XVI e XVII parece ser de origem italiana, enquanto a decoração é marcada pelas porcelanas chinesas da época Ming, tendo sido os portugueses os primeiros europeus a utilizarem esses motivos que irão ser copiados posteriormente em toda a Europa até ao séc. XIX.

Quando em 1619, Filipe II de Portugal entrou em Lisboa, levantaram-se na rua diversos arcos festivos, entre os quais os das



Terrina de um par, fábrica do Sul, Rocaille, 2.ª metade do séc. XVIII; Altura 24 cm.

cooperações de oleiros, enfeitados com «porcelanas de Lisboa» que eram feitas para consumo interno e para exportação.

Uma notável e recente exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, organizada pelo Museu Histórico de Amesterdão, demonstrou a preferência da nossa faiança entre a colónia dos Judeus Portugueses daquela cidade afugentados pela Inquisição, servindo a cupidez, o egoísmo, a ignorância e a hipocrisia de uma classe dirigente medrosa de vitalidade económica e cultural da burguesia cristã nova e da sua fluidês social.

As faianças portuguesas, à semelhança das outras da Península Ibérica, tinham sido marcadas pela invasão Islâmica até ao começo do séc. XVI, desde aí as inovações ligadas ao Renascimento Italiano, introduzidas em Sevilha por Nicolau Pisano, trouxeram as alterações criadas por Luca della Robia. Esses conhecimentos passaram de Sevilha a Portugal usando como via os oleiros portugueses da numerosa colónia de Sevilha; por outro lado, pode ter havido influência directa, dada a existêncica de bolseiros portugueses nas cidades italianas e das compras e encomendas em Itália de que restam ainda hoje os della Robia na quinta das Torres, em Azeitão.





Prato usado pelos «Ratinhos», séc. XIX. Decoração floral a amarelo e azul; diâmetro 31 cm.

Faianças das várias regiões de Espanha ou da Holanda, e mais tarde de Inglaterra, eram também frequentes em Portugal e existem várias na colecção Nogueira da Silva, que embora estrangeiras podem estar há séculos no nosso País.

Se o conjunto de faianças do Museu Nogueira da Silva não tem a importância nem a extensão do acervo de «louça de encomenda de porcelana da China» existente no Museu, há indiscutivelmente peças notáveis, e a presente escolha para este apontamento baseia-se ora em méritos artísticos ou na peculiaridade de certas peças, no interesse regional, ou serve ainda como ponto e contraponto desde os eruditos Aranhões aos modestíssimos «Ratinhos».

Assim, o conjunto de faianças tal como tem vindo a acontecer com as porcelanas da China, os marfins ou as pratas, à medida que têm vindo a ser estudadas mostram uma colecção com interesse que tem mesmo surpreendido os peritos dos Museus Nacionais.



## Bibliografia

Catálogo da Exposição Retrospectiva da  
Cerâmica Nacional em Viana do Castelo.  
Luís Oliveira

Cerâmica Artística Portuense, séc. XVIII  
e XIX.  
Vasco Valente

Cerâmica Brasonada de Castro Solla.

Cerâmica Esmaltada  
diversos  
Editorial Lobos 1981

Faiança Portuguesa  
Artur Sandão

Faiança Portuguesa 1600-1660  
Museu Nacional de Arte Antiga  
Rafael Calado

L'object d'Art — N.º 9, Julho/Agosto '88

